

PHILIP  
PULLMAN

O LIVRO  
DAS SOMBRAS

VOLUME I

LA BELLE SAUVAGE

TRADUÇÃO  
JOSÉ RUBENS SIQUEIRA



Copyright © 2017 by Philip Pullman

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
La Belle Sauvage

*Capa*  
Alceu Chiesorin Nunes

*Ilustrações de capa e quarta capa*  
Jean-Michel Trauscht

*Preparação*  
Emanuella Feix

*Revisão*  
Érica Borges Correa  
Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Pullman, Philip  
La Belle Sauvage / Philip Pullman ; tradução José  
Rubens Siqueira. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Suma,  
2017.

Título original: La Belle Sauvage.  
ISBN 978-85-5651-052-5

1. Ficção inglesa I. Título.

17-07646

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editorasuma](https://facebook.com/editorasuma)

[instagram.com/editorasuma](https://instagram.com/editorasuma)

[twitter.com/Suma\\_BR](https://twitter.com/Suma_BR)

*O mundo é mais louco e mais ainda do que pensamos,  
Incorrigivelmente plural...*  
Louis MacNeice, “Snow”

## Sumário

1. A sala do terraço .....	9
2. A bolota.....	21
3. Lyra .....	37
4. Uppsala .....	47
5. A catedrática .....	62
6. Cravos de vidraceiro .....	77
7. Cedo demais .....	92
8. A Liga de Santo Alexander.....	100
9. Anti-horário .....	108
10. Lorde Asriel .....	122
11. Proteção ambiental.....	139
12. Alice fala .....	157
13. O instrumento de Bolonha .....	176
14. Dama com macaco.....	192
15. O galpão dos vasos .....	208
16. A farmácia.....	223
17. A Torre dos Peregrinos .....	252
18. Lorde Assassino .....	261
19. Sr. Boatwright.....	278
20. As Irmãs da Sagrada Obediência .....	295
21. A ilha encantada .....	319
22. Resina .....	335
23. Ancianidade .....	356
24. O mausoléu.....	365
25. Um porto seguro.....	380

## 1. A SALA DO TERRAÇO

Cinco quilômetros rio Tâmisia acima, a partir do centro de Oxford, um pouco distante de onde as grandes faculdades Jordan, Gabriel, Balliol e umas vinte outras disputavam a liderança nas corridas de remo, onde a cidade era apenas uma coleção de torres e pináculos por sobre as névoas de Port Meadow, lá ficava o convento de Godstow, onde as doces freiras cuidavam de suas santas tarefas. Na margem oposta do convento, havia uma estalagem chamada A Truta.

A estalagem era uma construção de pedra, um tipo antigo de ambiente amplo e confortável. Sobre o rio havia um terraço, onde pavões (um chamado Norman e outro chamado Barry) passeavam entre os convivas, servindo-se de comida sem a menor cerimônia e erguendo a cabeça de vez em quando para emitir gritos ferozes e sem sentido. Havia um salão onde a pequena aristocracia, se é que catedráticos da universidade podiam ser considerados aristocratas, bebiam suas cervejas e fumavam seus cachimbos; havia uma sala onde remadores e camponeses sentavam diante da lareira ou jogavam dardos, encostavam no balcão para fofocar, discutir, ou simplesmente se embebedar calados; havia uma cozinha onde todos os dias a esposa do proprietário assava uma grande peça de carne, fazendo girar o espeto sobre o fogo com um complicado arranjo de rodas e correntes; e havia um garçom, um menino chamado Malcolm Polstead.

Malcolm era filho único do proprietário. Tinha onze anos, uma personalidade curiosa e gentil, um corpo robusto e cabelos vermelhos. Frequentava a Escola Elementar Ulvercote, que ficava a quase dois quilômetros, e tinha vários amigos. Mas ele gostava mesmo era de brincar sozinho com seu daemon, Asta, na canoa que se chamava *La Belle Sauvage*. A Bela Selvagem. Um colega espertinho achou que seria engraçado rabiscar um S em

cima do V, transformando a palavra em *Sausage*, Salsicha. Malcolm apagou pacientemente três vezes antes de se zangar e jogar o boboca dentro da água, a partir do que declararam uma trégua.

Como todo filho de estalajadeiro, Malcolm tinha que trabalhar na taverna, lavar louça e copos, servir refeições ou canecos de cerveja e recolhê-los quando ficavam vazios. Ele achava normal trabalhar. O único problema em sua vida era uma menina chamada Alice, que ajudava a lavar os pratos. Tinha quinze anos, era alta e magra, com cabelo escuro escorrido preso em um rabo de cavalo que não lhe caía nada bem. Rugas de insatisfação já estavam se formando em sua testa e em volta da boca. Ela implicara com Malcolm desde o primeiro dia: “Quem é sua namorada, Malcolm? Não tem namorada, não? Com quem foi que você saiu ontem de noite? Beijou ela? Nunca deu beijo, não?”.

Ele ignorou isso tudo durante muito tempo, mas por fim Asta pulou em cima da gralha magrela que era o daemon de Alice, jogou-o dentro da água da pia e mordeu e mordeu a criatura encharcada até Alice gritar pedindo que parasse. Ela reclamou amargamente com a mãe de Malcolm, que respondeu: “Bem feito pra você. Não tenho a menor pena. Não desconte sua maldade nos outros”.

Foi o que ela fez a partir de então. Ela e Malcolm mal prestavam atenção um ao outro; ele punha os copos no corredor, ela lavava, enxugava e colocava de volta no balcão sem dizer uma palavra, sem um olhar, sem um pensamento.

Mas ele gostava da vida na estalagem. Gostava principalmente das conversas que ouvia, fossem elas sobre as trapaças do Conselho do Rio, sobre a incorrigível incompetência do governo, ou até mesmo assuntos mais filosóficos como o fato de as estrelas terem ou não a mesma idade da Terra.

Às vezes, Malcolm ficava tão interessado nesse último tipo de conversa que deixava um punhado de copos vazios em cima da mesa e participava da discussão, mas só depois de ter ouvido atentamente. Ele era conhecido por muitos catedráticos e outros visitantes. Ganhava gorjetas generosas, mas ficar rico nunca foi seu objetivo; ele achava que as gorjetas eram generosidade da providência e passou a se considerar um felizardo, o que não lhe fez nenhum mal mais tarde na vida. Se ele fosse o tipo de menino que ganhava apelido, sem dúvida seria conhecido como “Professor”, mas não

era o caso. Ele era querido quando o notavam, mas não era muito notado, e isso também não lhe fez nenhum mal.

O outro grupo de Malcolm ficava do outro lado da ponte em frente à taverna, nos prédios de pedra cinzenta cravados entre campos verdes, belos pomares e hortas do convento de Sta. Rosamund. As freiras eram bem independentes: plantavam suas verduras e frutas, criavam abelhas e confeccionavam vestimentas elegantes que vendiam por ouro bem negociado. Mas ocasionalmente surgiam tarefas para um jovem ajudante realizar, uma escada a ser consertada sob a supervisão do sr. Taphouse, o velho carpinteiro, ou algum peixe a ser trazido de Medley Ponds, um pouquinho adiante no rio. *La Belle Sauvage* muitas vezes era operada a serviço das boas freiras; mais de uma vez, Malcolm transportara a irmã Benedicta rio abaixo até a Estação de Zepelim do Correio Real com um precioso pacote de estolas, capas ou casulas para o Bispo de Londres, que parecia usar suas vestimentas de um jeito muito rude, porque precisava de roupas novas com uma rapidez incrível. Malcolm aprendia muito nessas viagens tranquilas.

— Como que a gente fazemos um pacote assim tão bom, irmã Benedicta? — ele perguntou um dia.

— Como *nós* fazemos — a irmã Benedicta corrigiu.

— Como *nós* fazemos assim tão bom?

— Tão *bem*, Malcolm.

Ele não se importava; era uma espécie de jogo entre os dois.

— Achei que bom era bem-feito — ele disse.

— Depende: se você quer que a ideia de “bom” modifique o ato de amarrar o pacote, ou se você se refere ao pacote já amarrado.

— Pra mim tanto faz — respondeu Malcolm. — Só queria saber como a senhora amarra eles. Os pacotes.

— Da próxima vez que eu tiver de amarrar um pacote, prometo que te ensino — disse a irmã Benedicta. E ensinou.

Malcolm admirava as freiras por fazerem tudo bem-feito, pela maneira como plantavam as árvores frutíferas em espaldeiras ao longo da parede ensolarada do pomar, pelo encanto com que suas vozes delicadas se combinavam ao cantar nos ritos da igreja, por suas pequenas bondades aqui e ali com tanta gente. Ele gostava de conversar com elas sobre questões religiosas.

— Na Bíblia — ele disse certo dia enquanto ajudava a velha irmã Fenella na enorme cozinha —, a senhora sabe que diz que Deus criou o mundo em seis dias?

— Isso mesmo — confirmou a irmã Fenella, sovando uma massa.

— Bom, como é que tem fósseis e coisas com milhões de anos então?

— Ah, sabe, naquele tempo os dias eram muito mais compridos — respondeu a boa irmã. — Ainda não acabou de cortar o ruibarbo? Olha, vou acabar antes de você.

— Por que a gente usa esta faca pro ruibarbo, e não aquela velha? A velha é mais afiada.

— Por causa do ácido oxálico — disse a irmã Fenella, espalhando a massa na assadeira. — Aço inoxidável é melhor com o ruibarbo. Agora me passe o açúcar.

— Ácido oxálico — disse Malcolm, gostando muito das palavras. — O que é casula, irmã?

— É um tipo de vestimenta. Os sacerdotes usam por cima das alvas.

— Por que a senhora não costura que nem as outras madres?

O daemon de irmã Fenella, que era um esquilo, estava sentado no encosto de uma cadeira próxima e emitiu um tênue “tsk, tsk”.

— Todo mundo faz aquilo que faz melhor — disse a freira. — Eu nunca fui boa com bordado. Veja como meus dedos são grandes e grossos! E as outras irmãs gostam das minhas tortas.

— Eu gosto da sua torta — afirmou Malcolm.

— Obrigada, meu bem.

— É quase tão boa como a da minha mãe. A massa da minha mãe é mais grossa que a sua. Acho que a senhora passa o rolo mais forte.

— Acho que sim.

Nada era desperdiçado na cozinha do convento. Os pedacinhos de massa, que sobravam depois de a irmã Fenella recortar as tortas de ruibarbo, se transformavam em cruzes desajeitadas, ramos de palmas, peixinhos; depois, eram enrolados em torno de umas frutas secas, polvilhados com um pouco de açúcar e assados separadamente. Cada um tinha um significado religioso, mas a irmã Fenella (“meus dedos grandes e grossos!”) não era muito boa em moldá-los diferentes uns dos outros. Malcolm era melhor, mas precisava lavar as mãos muito bem antes.



— Quem come esses, irmã? — ele perguntou.

— Ah, todo mundo come. Às vezes uma visita também quer beliscar alguma coisa com o chá.

O convento, situado no ponto em que a estrada cruzava com o rio, era popular entre viajantes de todos os tipos, e as freiras sempre hospedavam visitantes. Havia A Truta também, claro, e geralmente dois ou três hóspedes passavam a noite na hospedaria, cujo café da manhã Malcolm tinha que servir. Mas quase sempre eram pescadores ou comerciantes, como seu pai os chamava: caixeiros-viajantes de folhas de fumo, ferragens ou maquinaria agrícola. Os hóspedes do convento eram pessoas de uma classe inteiramente superior: grandes lordes e ladies, às vezes bispos e clérigos, pessoas de classe que não tinham ligação com nenhuma das faculdades da cidade e não podiam esperar hospitalidade delas. Uma vez, uma princesa ficou lá seis semanas, mas Malcolm só a viu duas vezes. Ela havia sido mandada para lá de castigo. Seu daemon era uma doninha que rosnava para todo mundo.

Malcolm também ajudava com esses hóspedes: cuidava de seus cavalos, limpava suas botas, levava mensagens para eles. De vez em quando recebia uma gorjeta. Todo seu dinheiro ia para uma morsa de lata em seu quarto. Se apertava o rabo dela, ela abria a boca e se depositava a moeda entre suas presas, uma das quais havia sido quebrada e colada de volta. Malcolm não sabia quanto dinheiro tinha, mas a morsa estava pesada. Ele achou que podia comprar uma arma quando tivesse o suficiente, mas achava que seu pai não iria deixar, então precisaria esperar. Nesse meio-tempo, ele começava a se acostumar com as maneiras dos viajantes, tanto os comuns como os raros.

Ele achava que provavelmente não existia nenhum outro lugar onde alguém pudesse aprender tanto sobre o mundo como aquela pequena curva do rio, com a estalagem de um lado e o convento do outro. Ele acreditava que, quando crescesse, ia ajudar seu pai no balcão e depois tomaria conta do local quando seus pais ficassem velhos demais para continuar. Ficava bem feliz com isso. Seria muito melhor cuidar da Truta do que de várias outras hospedarias, porque era frequentada pela alta sociedade; intelectuais e pessoas importantes iam sempre lá para conversar. Mas o que ele realmente gostaria de fazer não tinha nada a ver com isso. Ele queria ser um catedrático, talvez um astrônomo ou um teólogo experimental, fazer

grandes descobertas sobre a natureza mais profunda das coisas. Ser um aprendiz de filósofo, ora, isso seria uma coisa boa. Mas era muito pouco provável; antes de soltar seus alunos no mundo aos catorze anos, a Escola Elementar Ulvercote os preparava para serem artesãos ou, na melhor das hipóteses, escriturários. Além disso, pela informação que tinha, não havia bolsas de estudos para um rapaz inteligente com uma canoa.

Um dia, no meio do inverno, A Truta recebeu alguns visitantes que não se pareciam com os habituais. Três homens chegaram em um carro ambárico e se dirigiram imediatamente para a Sala do Terraço, que era a menor de todas as salas de jantar da hospedaria e tinha vista para o terraço, para o rio e para o convento lá adiante. Ficava no fim do corredor, e não era muito usada nem no inverno nem no verão, com janelas pequenas e nenhuma porta para o terraço, apesar do nome.

Malcolm tinha acabado sua escassa lição de casa (geometria) e devorou um pouco de rosbife e bolinhos de Yorkshire, seguidos de uma maçã assada com calda, quando seu pai o chamou para o bar.

— Vá ver o que aqueles senhores na Sala do Terraço vão querer — ele pediu. — Provavelmente são estrangeiros e não sabem que têm de vir ao balcão para comprar a bebida. Querem ser servidos, acho.

Contente com essa novidade, Malcolm foi até a salinha e encontrou três cavalheiros (dava para perceber a classe deles só de olhar), todos de pé, debruçados à janela, olhando para fora.

— Em que posso ser útil, cavalheiros? — ele disse.

Os três se viraram imediatamente. Dois pediram clarete e o terceiro queria rum. Quando Malcolm voltou com as bebidas, perguntaram se poderiam jantar ali, e nesse caso o que a casa oferecia.

— Rosbife, moço, e está muito bom. Eu sei porque acabei de comer.

— Ah, *le patron mange ici*, hã? — comentou o mais velho dos cavalheiros, quando eles puxaram suas cadeiras para a mesa pequena. O daemon dele, um lindo lêmure preto e branco, estava sentado calmamente em seu ombro.

— Eu moro aqui, meu pai é o dono — respondeu Malcolm. — E minha mãe é a cozinheira.

— Como é seu nome? — perguntou o mais alto e mais magro dos visitantes, um homem que parecia catedrático com denso cabelo grisalho, e cujo daemon era um verdilhão.

— Malcolm Polstead.

— O que é aquele lugar do outro lado do rio, Malcolm? — indagou o terceiro, um homem de grandes olhos escuros e bigode preto. O daemon dele, fosse o que fosse, estava encolhido no chão a seus pés.

Já estava escuro, evidentemente, e tudo o que podiam ver do outro lado do rio eram as janelas de vitral do oratório debilmente iluminadas e a luz sempre acesa acima da portaria.

— É o convento. As Irmãs da Ordem de Sta. Rosamund.

— E quem foi santa Rosamund?

— Nunca perguntei pra elas sobre a santa Rosamund. Mas tem um retrato dela no vitral, de pé, assim, em cima de uma rosa grande. Acho que daí que vem o nome dela. Vou ter de perguntar pra irmã Benedicta.

— Ah, você conhece bem as freiras então?

— Falo com elas todo dia, sim, senhor, mais ou menos. Faço uns serviços no convento, levo recados, essas coisas.

— E essas freiras nunca recebem visitas? — perguntou o homem mais velho.

— Recebem, sim, senhor, quase sempre. Todo tipo de gente. Não quero me meter, mas é sempre tão frio aqui. Quer que eu acenda a lareira? Ou então não preferem jantar no salão? Lá é quente e confortável.

— Não, vamos ficar aqui, obrigado, Malcolm, mas com certeza vamos gostar do fogo. Pode acender.

Malcolm riscou um fósforo e o fogo pegou na hora. O pai dele era bom para montar a lenha; o filho sempre o observava. Havia lenha suficiente para a noite toda se aqueles homens resolvessem ficar.

— Muita gente esta noite? — questionou o homem de olhos escuros.

— Acho que deve ter mais ou menos uns doze. O normal.

— Muito bem — concluiu o homem mais velho. — Então, traga o rosbife para nós.

— Sopa pra começar? Hoje é de pastinaca com especiarias.

— Claro, por que não? Sopa para todos e em seguida o seu famoso rosbife. E mais uma garrafa deste clarete.

Malcolm não achava que o rosbife fosse famoso de verdade: era só uma maneira de dizer. Ele foi buscar os talheres e levar o pedido para sua mãe na cozinha.

No ouvido dele, Asta, que estava em forma de pintassilgo, sussurrou:

— Eles já sabiam das freiras.

— Então por que perguntaram? — Malcolm sussurrou de volta.

— Estavam testando a gente, pra ver se nós falamos a verdade.

— O que será que eles querem?

— Não parecem catedráticos.

— Parecem, um pouco.

— Parecem políticos — ela insistiu.

— E como você sabe como é que os políticos se parecem?

— É só uma impressão.

Malcolm não discutiu com ela; tinha outros clientes para atender, então estava ocupado, e além disso acreditava na impressão de Asta. Ele mesmo raramente tinha esse tipo de pressentimento sobre as pessoas. Se eram boas com ele, gostava delas. Mas as intuições de seu daemon se mostravam confiáveis muitas vezes. Claro, ele e Asta eram um ser só, então as intuições de qualquer forma eram dele, assim como suas impressões eram do daemon.

O pai de Malcolm foi pessoalmente servir a comida aos três hóspedes e abrir o vinho. Malcolm não tinha aprendido a levar três pratos quentes ao mesmo tempo. Quando o sr. Polstead voltou ao balcão principal, chamou Malcolm com o dedo e falou baixinho.

— O que aqueles cavalheiros falaram pra você? — perguntou.

— Me perguntaram sobre o convento.

— Eles querem falar com você de novo. Disseram que você é um menino inteligente. Agora, veja como se comporta. Sabe quem são eles?

De olhos arregalados, Malcolm sacudiu a cabeça.

— É o lorde Nugent, o próprio. Ele já foi lorde chanceler da Inglaterra.

— Como o senhor sabe?

— Reconheci pela foto dele no jornal. Agora vá. Responda tudo o que eles perguntarem.

Malcolm seguiu pelo corredor com Asta sussurrando:

— Viu? Quem acertou então? Ninguém mais, ninguém menos do que o lorde chanceler da Inglaterra!

Os homens estavam atacando o rosbife (a mãe de Malcolm tinha colocado uma fatia extra para cada um) e conversando baixo, mas se calaram assim que Malcolm entrou.

— Vim ver se gostariam de mais uma luz, cavalheiros — ele começou.  
— Posso trazer um lampião de nafta pra mesa, se quiserem.

— Daqui a pouco, Malcolm, será uma boa ideia — respondeu o homem que era o lorde chanceler. — Mas, me diga, quantos anos você tem?

— Onze, meu senhor.

Talvez ele devesse dizer, “milorde”, mas o ex-lorde chanceler da Inglaterra pareceu se contentar com o “senhor”. Talvez estivesse viajando anonimamente e nesse caso não ia gostar de ser tratado da forma correta.

— E para que escola você vai?

— A Elementar Ulvercote, em frente a Port Meadow.

— O que você acha que vai ser quando crescer?

— Muito provável que eu seja estalajadeiro, igual o meu pai, senhor.

— Um trabalho muito interessante, eu diria.

— Eu também acho.

— Todo tipo de gente passando, e tudo o mais.

— Isso mesmo. Tem catedráticos da universidade que vêm aqui e barqueiros de toda parte.

— Você vê muita coisa acontecendo, hein?

— É, nós vemos, sim.

— O movimento rio acima e rio abaixo, e tudo o mais.

— É mais no canal que tem coisa interessante. Tem os barcos gípcios subindo e descendo, e a Feira Equina em julho, aí o canal fica cheio de barcos e de viajantes.

— Feira Equina... Gípcios, é?

— Eles vêm de todo lugar pra comprar e vender cavalos.

— As freiras no convento. Como elas ganham a vida? Fazem perfume, alguma coisa assim? — O homem catedrático indagou.

— Elas plantam um monte de verdura — Malcolm respondeu. — Minha mãe compra fruta e verdura do convento. E mel. Ah, e elas costuram e bordam coisas para os padres vestirem. Casulas e tal. Acho que devem

ganhar bastante com isso. Devem ter algum dinheiro porque elas compram peixe em Medley Pond, pra lá do rio.

— Quando o convento recebe visitas — continuou o ex-lorde chanceler —, que tipo de gente é, Malcolm?

— Bom, às vezes senhoras... Senhoritas... Às vezes um padre mais velho ou um bispo, talvez. Acho que eles vêm aqui descansar.

— Descansar?

— Foi o que a irmã Benedicta me falou. Ela disse que antigamente, antes de existirem estalagens que nem esta aqui e hotéis, e principalmente hospitais, as pessoas ficavam nos mosteiros, conventos e lugares assim, mas hoje em dia são principalmente padres, ou quem sabe freiras de outros lugares que estão convales... conva...

— Convalescendo — completou lorde Nugent.

— Sim, senhor, isso mesmo. Sarando.

O último a terminar o rosbife, o homem de olhos escuros, juntou o garfo e a faca sobre o prato.

— Tem alguém lá agora? — perguntou.

— Acho que não, senhor. A não ser que fiquem só lá dentro. Geralmente as visitas gostam de passear no jardim, mas o tempo não anda muito bom, então... Vão querer a sobremesa agora, cavalheiros?

— O que é?

— Maçã assada com calda. Maçã do pomar do convento.

— Bom, não podemos deixar passar a chance de experimentar — considerou o catedrático. — Certo, traga maçãs assadas com calda.

Malcolm começou a recolher os pratos e talheres.

— Você viveu a vida inteira aqui, Malcolm? — perguntou lorde Nugent.

— Sim, senhor. Eu nasci aqui.

— E, em toda a sua longa experiência no convento, sabe se algum dia elas cuidaram de algum menor?

— Alguma criança muito nova?

— É. Uma criança nova demais para ir à escola. Um bebê mesmo. Você sabe?

Malcolm pensou com cuidado e respondeu:

— Não, senhor, nunca. Damas e cavalheiros, ou padres mesmo, mas nunca um bebê.

— Sei. Obrigado, Malcolm.

Segurando os cálices de vinho com as hastes entre os dedos, ele conseguiu pegar os três de uma vez, além dos pratos.

— Um bebê? — Asta sussurrou a caminho da cozinha.

— Que mistério — Malcolm comentou com satisfação. — Quem sabe um órfão.

— Ou pior — disse Asta, sombriamente.

Malcolm pôs os pratos no corredor, ignorou Alice como sempre e fez o pedido da sobremesa.

— Seu pai acha que um desses hóspedes era o lorde chanceler — disse a mãe de Malcolm enquanto arrumava as maçãs.

— Então é melhor dar uma maçã bem grande e bonita pra ele — afirmou Malcolm.

— O que eles queriam saber? — ela perguntou, despejando calda quente com a concha em cima das maçãs.

— Ah, tudo sobre o convento.

— Consegue levar esses? Estão quentes.

— É, mas não são grandes. Eu consigo, sério mesmo.

— É melhor conseguir. Se derrubar a maçã do lorde chanceler, você vai pra cadeia.

Ele conseguiu carregar as tigelas perfeitamente, embora estivessem ficando cada vez mais quentes. Os cavalheiros não perguntaram nada dessa vez, só pediram café. Malcolm levou para eles o lampião de nafta antes de ir à cozinha buscar as xícaras.

— Mãe, a senhora sabe que o convento recebe uns hóspedes de vez em quando. Sabe se algum dia elas cuidaram de algum bebê?

— Por que você quer saber uma coisa dessas?

— Eles perguntaram. O lorde chanceler e os outros.

— O que você respondeu?

— Eu disse que achava que não.

— Bom, é a resposta certa. Agora vá, saia daqui e me traga mais uns copos.

No bar principal, acobertado pelo barulho e pelas risadas, Asta sussurrou:

— Ela se assustou quando você perguntou isso. Eu vi Kerin acordar e levantar as orelhas.

Kerin era o daemon da sra. Polstead, um texugo rústico e tolerante.

— Só porque foi surpresa — respondeu Malcolm. — Aposto que você ficou com cara de surpresa quando me perguntaram.

— Nunca. Eu sou inescrutável.

— Bom, imagino que eles tenham visto que *eu* fiquei surpreso.

— Vamos perguntar pras freiras?

— Pode ser — disse Malcolm. — Amanhã. Elas precisam saber que tem gente fazendo perguntas sobre elas.